

8.02.10 – Letras/Literatura Comparada.

UMA OUTRA VOLTA NO PARAFUSO: A TENSÃO NA NARRATIVA JAMESIANA, A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO (1898) E A SUA REESCRITA PARA O CINEMA EM OS OUTROS (2001).

Matheus Lima da Silva¹, José Carlos Felix²

1. Graduando em Letras - Língua Inglesa e Respectivas Literaturas na UNEB DCH IV
2. Professor do Curso de Letras/Língua Inglesa e Literaturas na UNEB DCH IV / Orientador

Resumo:

O objetivo dessa pesquisa foi desenvolver uma discussão acerca das estratégias pautadas na tensão entre as convenções e protocolos narrativos da literatura realista e as técnicas experimentais modernistas empregadas por Henry James em *A outra volta do parafuso* (*The Turn of the Screw*, 1898), e, como ocorre a transposição da novela jamesiana para o formato cinematográfico com vistas a deslindar os mecanismos estético narrativos utilizados para engendrar a tensão entre protocolos narrativos distintos e, por vezes, antagonísticos no processo de adaptação da novela de James para a versão fílmica *Os Outros* (*The Others*, 2001), direção e roteiro de Alejandro Amenábar.

Palavras-chave: Ponto de vista; Modernismo em Língua Inglesa; Literatura Comparada.

Apoio financeiro: CNPq.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Introdução:

Desde sua publicação no final do século XIX, *A outra volta do parafuso* (*The Turn of the Screw*, 1898) tornou-se um texto frequentemente estudado pelos acadêmicos que, diante do teor enigmático e duvidoso de sua trama, empregaram um sem-número de abordagens interpretativas, indo da Nova Crítica, passando por chaves de leitura que privilegiavam temas referentes a psicanálise e estudos feministas. Uma possível explicação para miríade de abordagens suscitadas pela novela reside no uso meticuloso da linguagem feito por James, linguagem que é usada metaforicamente/simbolicamente. Henry James rejeitava a ideia de um simbolismo aberto dominando a história, e insistia que toda a literatura, para ser de valor, deveria ser sobre a vida e ações de personagens, que, de fato, são interessantes para o leitor. Nesse sentido, James explora magistralmente uma série elementos formais como a multiplicidade de pontos de vista, o monólogo interno, o simbolismo de modo que todos se relacionem diretamente aos movimentos realistas e modernos da literatura, criando um certo “realismo psicológico”, fragmentado e caótico, de uma visão e percepção de mundo, ou de uma cadeia de eventos. O resultado mais evidente desse estilo de escrita pode ser atestado no rompimento com o tradicionalismo das convenções literárias do final do século XIX, na libertação estética e na experimentação constante. Diante dessa premissa, o objetivo dessa pesquisa foi desenvolver uma discussão acerca das estratégias pautadas na tensão entre as convenções e protocolos narrativos da literatura realista e as técnicas experimentais modernistas empregadas por Henry James em *A outra volta do parafuso*, particularmente no que se refere ao *status* conferido ao ponto de vista em ambas estéticas literárias. Partindo dessa hipótese de leitura, em um segundo desdobramento da pesquisa, objetivamos examinar a transposição da novela jamesiana para o formato cinematográfico com vistas a deslindar os mecanismos estético narrativos empregados para recriar a tensão entre protocolos narrativos distintos no processo de adaptação da novela de James para a versão fílmica *Os Outros* (*The Others*, 2001), direção e roteiro de Alejandro Amenábar.

Metodologia:

Considerando-se que se trata de uma pesquisa na área de estudos literários e cinematográficos, o método de trabalho desta pesquisa se pautou em uma abordagem bibliográfica. Os objetos que compuseram a pesquisa foram a novela *a outra volta do parafuso* (*The Turn of the Screw*, 1898), escrita por Henry James, e a sua adaptação cinematográfica *Os Outros* (*The Others*, 2001), direção e roteiro de Alejandro Amenábar e produção de Fernando Bovaira, José Luis Cuerda e Sunmin Park. Esta pesquisa teve como objetivo o propósito de estabelecer uma comparação entre as duas obras, a fim de investigar de que forma acontece uma fricção/ruptura no ponto de vista na estrutura desses objetos, objetivando compreender tanto os meandros da narrativa literária e no que tange aos procedimentos de adaptação de um texto literário para o cinema. Por essa razão, a metodologia de pesquisa foi dividida em dois grandes eixos. O primeiro, de análise estrutural do livro, teve como finalidade mapear os elementos que são estruturantes do ponto de vista e do enredo por meio de uma análise formal do objeto com o intuito de observar as estratégias empregadas pela narradora no seu discurso narrativo. Para isso, utilizamos como base teórica as discussões acerca de narrador, modo narrativo e personagem, considerando por base Friedman em *O ponto de vista na ficção* (1967), principalmente no que diz respeito à narrador-protagonista. De acordo com FRIEDMAN (1967), o Narrador-protagonista narra de um ponto fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos. Essa categoria de

narração é, na maioria das vezes, propensa à ambiguidade dos fatos narrados, uma vez que a narração se limita ao ponto de vista do narrador. Já o segundo eixo da pesquisa objetivou examinar os recursos fílmicos que são empregados pela adaptação cinematográfica para reproduzir ponto de vista, para entender de que forma tais elementos literários são deslocados para uma estrutura da narrativa visual. Para tanto, nas questões relacionadas à linguagem cinematográfica e ao processo de adaptação, a pesquisa baseou-se nas discussões abordadas por teóricos como MCFARLANE (1996), e também por Friedman, em *O ponto de vista na ficção* (1967). Assim como a Governanta de James, a personagem central da adaptação cinematográfica de *Os Outros* experimenta uma crise terrível de consciência, que se manifesta narratologicamente, por linhas narrativas divididas (entre a dimensão do real e do metafísico), e em perspectivas nas quais ambas são, sobretudo, não confiáveis. O próprio trajeto da narrativa é pouco iluminado, impossibilitando uma visão total e segura do que está à frente da narradora. Pouco é permitido ao espectador conhecer além da percepção “parcialmente iluminada”. Para compreender a oscilação e jogo entre luz e escuridão, utilizamos a última categoria de Friedman, o narrador como uma câmera. Por meio da câmera cinematográfica, podemos ter um ponto de vista onisciente, dominando tudo, ou o ponto de vista centrado numa ou várias personagens.

Resultados e Discussão:

Nesta pesquisa, examinamos de que maneira Henry James constrói em *A outra volta do parafuso* (*The Turn of the Screw*, 1898) uma narrativa que é marcada pela ambivalência, bem como pela coalescência de realidades contraditórias. Contudo, sob uma perspectiva realista centralizada nos relatos de sua protagonista, James elabora uma narrativa a contrapelo que, por sua vez, instaura incertezas nos fatos narrados, instaurando o estilo modernista como um contraponto a assertividade realista. Para isso, o escritor toma o ponto de vista, na forma do monólogo interior, de modo a criar uma forma de simbolismo que oscila entre o conspícuo, porém sutil, criando uma tensão entre os protocolos realistas já amplamente explorados estabelecidos pelo então movimento realista vitoriano ao longo do século XIX e experimentos formais com a linguagem e narrativa em voga pela literatura modernista do início do século XX. O resultado mais notável dessa tensão emerge na forma de um certo “realismo psicológico”, fragmentado, caótico e, sobretudo, impreciso acerca de uma visão/percepção e “representação” de mundo e da experiência do mesmo que, por conseguinte, adensa a já instaurada crise mimética que, por meio das vanguardas, colocou em xeque as formas realistas de narração/representação. Em *A outra volta do parafuso*, essa chave de leitura apresenta-se como o *tour de force* no terceiro e último plano narrativo (cujo ponto de vista predominante é o do terceiro narrador da trama, a governanta), pois, quanto mais a narradora se esforça para firmar a verdade dos fatos narrados, ou seja, suas visões das aparições “fantasmagóricas” por meio de protocolos realistas, mais se instauram as incertezas e dúvidas arroladas na crise da impossibilidade de representação total e precisa da experiência vivida. É diante desse paradoxo que se estabelece a tensão entre as estéticas realistas e modernistas, fazendo com que, ao entrarem em choque, a segunda desestabilize a verdade firmada pela primeira. A narrativa fornecida pelo ponto de vista da governanta insiste no engano da percepção, assinalando que só se pode alcançar um conhecimento subjetivo e distorcido da realidade. A linguagem, que modula o ponto de vista da personagem, não consegue criar um simulacro perceptível do real. Nisto é possível observar o processo não confiável da percepção em si que se torna uma tônica na ficção modernista. Por sua vez, na adaptação cinematográfica, *Os Outros*, essa operação atua, em primeira instância realista por meio de um ponto de vista centralizado majoritariamente onisciente, o qual adere inteiramente à percepção da personagem Grace Stewart e por meio de protocolos do cinema realista (unidade de tempo, espaço e ação) enquanto a força desestabilizadora circunscreve-se na perspectiva dos outros personagens, caracterizando por uma espécie de curto-circuito progressivo no ponto de vista da personagem Grace Stewart.

Conclusões:

Constatamos que no texto literário há uma linha tênue que separa os fatos narrados dos experienciados, e então se constitui o confronto/ambiguidade da narrativa jamesiana. A impossibilidade de precisar os fatos da trama assinala uma limitação no ponto de vista da governanta, gerando a ambivalência sobre os fatos narrados. Observou-se que a percepção da protagonista exata acerca da realidade deixa de ser a sua motivação principal, cedendo lugar às representações subjetivas, pois o que importa agora é a forma como ela percebe/apreende o mundo (modernismo) e não mais como ele de fato é (realismo); algo que caracteriza o final aberto e irresoluto da trama. Na adaptação cinematográfica, *Os outros*, em “uma volta adicional do parafuso”, a compreensão de que a narrativa se constrói em um mundo “real” se contrapõe a uma dimensão “transcendental” e delinea-se, ainda de modo muito sutil, mas evidente, logo no prólogo, para inverter-se inteiramente o ponto de vista central apenas no final (fechado e resoluto da trama).

Referências bibliográficas:

AMENÁBAR, Alejandro. **The Others** (2001). Miramax Internacional/Dimension Films.

FLAUBERT, Gustave. **Henry James**. 7Letras, 1969.

FRIEDMAN, Norman. **Point of view in fiction: the development of a critical concept**. Publications of the Modern language Association of America, p. 1160- 1184, 1955.

JAMES, Henry. **A outra volta do parafuso**. Editora Companhia das Letras, 2011.

JAMES, Henry. **The turn of the screw**. London: Courier Dover Publications, 1991.

MCFARLANE, B. (1996) **Novel to Film**. An Introduction to the Theory of Adaptation, Oxford: Oxford University Press, 1996.

ROWLAND, Jon. **Another Turn of the Screw**: Prefaces in Swift, Marvell, and Genette. *Studies in Eighteenth-Century Culture*, v. 21, n. 1, p. 129-148, 1992.